

FRANCISCO CAEIRO

O mar não mora nos búzios

Título
O mar não mora nos búzios

Texto
© Francisco Caeiro

Coordenação da Edição
Alfarroba

Revisão e Edição
Andreia Salgueiro | Alfarroba

Paginação
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Design
Andreia Salgueiro

Impressão e Acabamento
Portugal

ISBN
978-989-9197-55-8

Depósito Legal
547 644/25

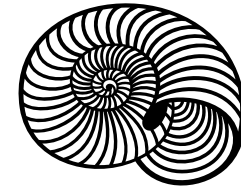
1.ª edição, junho 2025

uma edição da Alfarroba
© junho 2025, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt



Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.



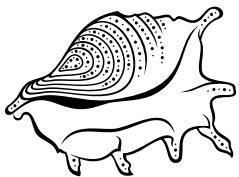
O MAR NÃO MORA NOS BÚZIOS

Abraço-te no mar inquieto
e revolto
degustando cada poro
no minucioso respirar
braçada a braçada

como explicar-te que a saudade
se dilui, assim
de manhã
naquele insinuar do sol
que sobre o linho
nos canta uma estrada?

Eu sou da vida inquieta
imprevisível
sem cómodas
naperons de seda
sem búzios
e, assumidamente,
com sobressaltos
de desejo

porque o mar não mora nos búzios
mas no sal
(eterno)
da viagem de um beijo



A MOLÉCULA PERFEITA QUE POR AMOR SE DEIXA DIZER NUM POEMA... À MEIA NOITE

Esta muito discreta, mas convicta
pulsão de urgência
que me atraí para os teus braços
cumpre na vida
o detalhe sem desperdício
da empírica paixão
que, estranhamente
não coloca à abordagem científica
contrariedades
ou embaraços

Átomos rebeldes
e singulares
nós somos a molécula perfeita
que por amor
se deixa dizer
num poema

E somos o prazer
à meia noite
que, elogiando
superlativamente, o caos
comprova do amor
a exatidão
no mais fiel teorema

O ÊXTASE PERFEITO DO MUNDO

Quando o tiro entorpecer
a balada
nós estaremos abrigados
e inteiros
naquela paixão sem hora
que é cúmplice das casas altas
de um poema livre
constante
e rotundo

Abençoados pelo sol
indiferentes à bruma
de qualquer segredo
transportaremos do ser
a verdade
no êxtase superlativamente perfeito
do mundo

A TUA PAZ

As andorinhas, tranquilas
esvoaçam no enclave
que a tua paz desenhou
entre a pressa
e a timidez

Esta tarde
eu proponho-me adormecer
na primavera em seda
do teu abraço
que tem raízes
e odores de alecrim

E impondo repouso aos alcatruzes
suspenderei o ciclo previsível das horas
para que o nosso tempo não se canse
e se acerque do fim

MAIO INSUBMISSO

Infinitos anos esperei por ti
nos umbrais deste maio
insubmisso
revelado, à tardinha
pela seara morena
do teu peito
que acode ao peregrino

Maduro era o perfume
colado aos meus dedos
e o momento...

divino

NÃO CHEGAR TARDE AO AMOR

Com os braços em ímpeto livre
de gaivota
eu dar-me-ei como ponte
aos rios todos
que se interponham entre nós

E para trincar os minutos
e saciar-me com os morangos
que a paixão
sempre põe em vasos
na varanda de um beijo...

eu nadarei em águas-vivas
contra a corrente
se acaso for

Porque eu, por ti
e inteiro
aprendi a não chegar tarde
ao amor

SOBRE TUDO QUANTO O INVERNO CHOVEU

Se o vento dispersar os meus versos
lê-me, sem equívocos
nas papoilas que perfumam os campos de maio
ou que desmentem os muros
prenunciando-lhes a ruína

Eu transporto terra viva
e tua
entre os meus dedos
fértil à inquietação que apressa a monotonia
até à novidade da próxima esquina

E contigo, na surpresa
serei para sempre, eu
e a primavera
sobre tudo quanto o inverno choveu

OS NOSSOS DIAS JAMAIS NOS PROCURAM

Há tardes em que sobrevo
os barcos adormecidos
e pálidos

pretensiosa quietude
que renega o horizonte
cemitério de viagens
que já foram minhas
e se renderam
ao manto da maresia

vejo-os
e sem saudade
sorrio
cativando as manhãs
docemente inquietas
que me saúdam...

e juram pelo sol
que os nossos dias jamais nos procuram!

EM COFRE DE SILÊNCIO

Guardámos as palavras em cofre de silêncio
depois de diluídos os idiomas
no dicionário do olhar inteiro

E sem salvaguardas
deixámos que a pele liderasse o caminho
denunciando-nos pelo rubor
o sim rotundo

sem preconceitos
na poesia do mundo

MEIGO VERSO

Num destes dias
atarei os rios que trago ao peito
àqueles outros que são teus
para que nada nos separe
das veias do mesmo oceano

E as montanhas virtuosas e salgadas
que nesse mar profundo
albergam funestos segredos
e mitos
lerão de ambos
a harmonia
na doçura das águas
convertendo num meigo verso
tudo quanto entre nós foi
silêncio
ou grito

A FACE MAIS BONITA DO LUAR

No fulgor da viagem
há caramelos inesperados
que se soltam das árvores
para contrariarem ervas daninhas
camisas pesadas
e passos a preto e branco

As noites mais escuras
depois de recortadas
e costuradas em sossego
com fios azuis de pensamento
serão manta
à beira de uma fonte
nascente de repousar

E nós seremos sempre
por pura paixão
a face mais bonita do luar

NA LUCIDEZ E NA PALAVRA CERTA

Oxalá o sol derrame um pouco de maio
sobre o barro
da planície deserta

Dispensada a luz postiça de humanas lanternas
quero sentar-me contigo na lucidez
e na palavra certa
de um poema de milénios
que por nós
se reencontre por ali

HÁ MANHÃS EM QUE ME LEVANTO E AGARRO O VENTO

Há manhãs em que me levanto
e agarro o vento
só para tomar notícia
do quanto de mim está longe

E no areal dessa praia
que mora do lado direito
da minha almofada
esbate-se aos poucos
miraculosamente
a inquietação
que poderia turvar a madrugada

Pelas coordenadas que apenas a alma
consegue entender
eu sou muito para lá
do espaço físico
exíguo de um simples postigo

Eu sou o perto
e o longe
num mundo cujo epicentro
está imune à elegia mesquinha
de qualquer umbigo